viver.
Porto Alegre, 6, 7 e 8 de novembro de 2026 - Nº 13 - Ano 31
Caderno semanal do Jornal do Comércio

ARTUR KOCH/JC



Nascida em Guaporé em 1939, Maria Carpi é um dos grandes nomes da poesia feminina brasileira e latino-americana

Reportagem Cultural

Uma Maria com fé na palavra

Carol Zatt, especial para JC

Desde a última década do século XX, aqui no Rio Grande do Sul, especialmente na Capital, temos uma referência literária que surgiu e se mantém perene, da mesma forma, até hoje. Isso poderá ser verificado e comprovado com uma das atrações da programação da 72ª Feira do Livro de Porto Alegre neste fim de semana.

A Editora AGE produziu uma nova edição de *Nos Gerais da Dor*, o primeiro livro publicado de Maria Carpi, em 1990. Este fato marcou o momento em que a professora, advogada e defensora pública guaporense - que teve quatro filhos com o também escritor Carlos Nejar - foi apresentada ao público como poeta (embora ela sempre repita que é poeta desde o ventre da mãe).

Para marcar esse lançamento especial de uma versão bilíngue em espanhol com tradução do escritor argentino Leopoldo Brizuela e enriquecida de um texto da crítica literária Nelly Novaes Coelho como introdução, foi promovida a atividade *A Palavra Viva: poesia, linguagem e memória*. A palestra ocorre às 16h deste domingo, na Sala Vitrine de Lançamento do Clube do Comércio (Andradas, 1.085 - 3ºandar).

Com participação do músico Cláudio Levitan, a consagrada poeta e o professor, editor e linguista Paulo Flávio Ledur - mostrando seu livro de memórias autobiográficas - conversam sobre a força da palavra na construção da literatura e da cultura, abordando a criação literária, a riqueza da língua portuguesa, o papel da leitura, da escrita e da edição de livros, aproximando diferentes gerações de leitores. Na sequência, às 17h, ambos participam de sessão de autógrafos.

Antes, em 2014, o primeiro título da autora - que estreou tardiamente, aos 51 anos de idade - já tinha sido traduzido por Brunello de Cusatis e editado na Itália por Morlacchi Editore, sob o título *Nel Dolore Sconfinato*. Seu reconhecimento internacional também veio com os livros *A Chama Azul*, sobre Joana D'Arc (com tradução de Helena Ferreira) e *O Herói Desvalido* (edição bilíngue com tradução de Helena Ferreira e Sandrine Pot) publicados na França, por Les Arêtes Editions, sob os títulos *La Flamme Bleue* e *Le Héros Malgré Lui*.

Maria Carpi é uma autora altamente premiada e alvo de diversas homenagens. Interessante observar que até mesmo o seu patronato na Feira do Livro é igualmente tardio, somente em 2018, quando ela já tinha 79 anos, o que era um desejo declarado. "Uma das grandes alegrias como poeta e escritora foi ter sido eleita Patrona da 64ª Feira do Livro de Porto Alegre, quando o livro sai das bibliotecas para a Praça, no encontro com os leitores".

Com o livro de estreia, ela já é reconhecida com o Prêmio Revelação Poesia em 1990 da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Seus poemas foram incluídos em *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*, de Nelly Novaes Coelho (Editora Siciliano/SP). Participou ainda de antologias de poesia e em revistas especializadas.

Na esteira, recebeu o Prêmio Erico Verissimo da Câmara Municipal de Porto Alegre em 1991. Pelo inédito *As Sombras da Vinha*, obteve Menção Honrosa no Prêmio Casa de las Américas/Cuba (1999). Foi ainda finalista do Prêmio Jabuti em 2001 com *A Migalha e a Fome*. Recebeu o Troféu Academia Rio-Grandense de Letras de Escritora do Ano em 2019.

"Quando eu li *Nos Gerais da Dor*, foi um rasgo de lucidez. A dor é uma pessoa que te confronta, a dor é uma pessoa que está fora de você. A dor nada tem a ver com as suas informações pessoais, é a dor de estar no mundo, a dor do atrito com o mundo. Ela revela, nesse livro, que, por mais que você tenha vivido esse sofrimento, se torna aí esperança - esperança de ser melhor, esperança de ser mais atento, esperança de nunca menosprezar o sofrimento do outro", conta o filho Fabrício Carpinejar, também escritor. Além de reconhecer o papel importante da mãe em sua formação (a mãe que o alfabetizou, que o acolheu, incentivou e não lhe colocou um rótulo), o autor reforça o quanto ela foi marcante para ele como poeta.

Mas a publicação dessa obra não é memorável somente de um filho perante sua mãe - ou de dois filhos, porque Rodrigo Carpi Nejar, promotor de Justiça e escritor, também lembra da sensação que foi aquele lançamento. "Foi uma Noite de Natal, com um monte de gente, no Teatro Renascença, para celebrar um livro que falava da dor, que ainda hoje, para mim, é um dos mais fortes. E não temos uma foto disso!".

O autor Dilan Camargo confirma que o "nascimento" de Maria Carpi como poeta foi um acontecimento literário, local e até nacional. "Ela surgiu como um fenômeno literário maduro, pronto. Uma poeta já com todas as suas armas e recursos e modos de dizer. Essas inéditas estavam prontas há muito tempo. Causou surpresa para alguns, para outros que a conheciam mais de perto não, porque sabiam, no seu círculo mais restrito, que ela sempre escreveu. E a escrita dela então surgiu no momento certo".

No retorno de sua parceria com a AGE, *A esperança contra a esperança* venceu o Troféu Alceu Wamosy de Poesia da Academia Rio-Grandense de Letras em 2024. E, com a obra mais recente, *O lugar do corpo*, é a atual vencedora do Troféu Açorianos de Literatura nas categorias Poesia e Livro do Ano. A premiação ocorreu em maio, próximo ao seu aniversário de 87 anos de uma tenacidade invejável.

Foi a quinta vez em sua trajetória que recebeu a estatueta criada pelo artista Xico Stockinger. A primeira vitória foi em 1997, com *Os Cantares da Semente*. As demais distinções foram entregues em 2004, 2012 e 2015.

Leia mais na página central